

# GUERRA NA UCRÂNIA: UM APELO À PAZ

Por Gabriel Camilli\*



*O presidente russo, Vladimir Putin, visita sua sede de campanha a eleição presidencial em Moscou, Rússia, domingo, 17 de março de 2024 (Mikhail Metzler/Sputnik via AP).*

*O aventureirismo ocidental aumenta o risco de incidentes que podem levar a um confronto direto com a Rússia, sem no entanto reverter a sorte de Kiev.*

**A** medida em que a guerra na Ucrânia ultrapassa o seu segundo aniversário, o Parlamento Europeu e as eleições presidenciais dos EUA estão no horizonte. A opinião pública europeia deveria ser capaz de influenciar mais sua classe dominante, para que o apoio à Ucrânia não seja realizado em detrimento dos interesses nacionais dos parceiros da UE. Os europeus parecem pessimistas quanto às possibilidades de a Ucrânia vencer a guerra, enquanto a maioria pensa que esta terminará com algum tipo de acordo.

Ficariam desapontados se Donald Trump fosse reeleito, e muitos acreditam que sua vitória também poderia ser uma vitória de Vladimir Putin. Na maioria dos Estados-Membros, uma pluralidade gostaria que a Europa mantivesse seu apoio atual ou o aumentasse, caso os Estados Unidos reduzissem a sua ajuda. Os líderes da Ucrânia e da Europa precisam ajustar sua linguagem e definir o significado de “paz duradoura” para evitar que Putin tire partido da fadiga da guerra.

Neste contexto, o Papa Francisco causou recentemente comoção com suas palavras claras sobre o apelo à paz no conflito russo-ucraniano. Lembrando que “negociação não é rendição”, o Santo Padre, neste caso, voltou-se sobretudo para Kiev para pensar em uma solução realista para uma guerra que agora parece estrategicamente congelada.

## OUTROS LÍDERES E PENSADORES

Não é sempre que os teóricos das relações internacionais ocupam um lugar central no discurso público sobre questões de política externa e de segurança. John Mearsheimer faz isto regularmente, embora goste de salientar que o *establishment* da política externa dos EUA “não o ouve” ou outros a realistas estruturais. No entanto, a análise de Mearsheimer das causas da guerra russa contra a Ucrânia atraiu a atenção muito além da academia e dos grupos de reflexão de Washington.

Seu argumento encontrou tanto detratores ferozes como apoiadores improváveis em todo o espectro político. Os opositores de extrema-esquerda do imperialismo norte-americano são consolados pelas suas críticas ao alargamento da OTAN, enquanto os seguidores do republicanismo ao estilo *Make America Great Again* são seduzidos pelos elementos isolacionistas e “o poder faz o certo” da sua tese. Muitos apoiadores da soberania ucraniana equipararam a tese de Mearsheimer a uma forma elaborada de racionalizar o derrotismo e de fazer concessões mais aceitáveis; em essência, forçar um acordo indesejado aos ucranianos que inclua o reconhecimento das reivindicações russas sobre a Crimeia, possivelmente até sobre Donetsk e Lugansk.

Nas interpretações de Mearsheimer, os ucranianos são vistos não tanto como um ator-chave na tragédia que se desenrola, mas antes como uma infeliz vítima da política das grandes potências. A mesma rejeição reflexiva aplica-se a outros argumentos promovidos por representantes da *realpolitik*, como Henry Kissinger, ou comentaristas ancorados no alerta de George Kennan de 1997 contra a expansão da OTAN (veja <https://www.politicaexterior.com/articulo/ideas-ofensivas-ucrania-mearsheimer-y-los-limites-del-realismo/>).

Nos últimos dias, também se espalhou amplamente nas redes um vídeo do candidato presidencial Robert Kennedy, filho do senador Robert Kennedy e sobrinho do ex-presidente John F. Kennedy, denunciando a guerra na Ucrânia, que dizia: *“Esta é uma guerra que nunca deveria ter acontecido, é uma guerra que os russos tentaram resolver... o principal era manter a OTAN fora da Ucrânia... os grandes empreiteiros militares (como também avisamos anteriormente – nota do autor) querem adicionar novos países à OTAN o tempo todo... Por quê? Porque desta forma aquele país tem que ajustar as suas compras militares às especificações de armas da OTAN...”* e o candidato continuou dizendo: *“Perguntaram a Mitch McConnell (nota do autor: político americano afiliado ao Partido Republicano que atualmente representa o estado de Kentucky no Senado e é líder da minoria republicana): podemos gastar 113 bilhões de dólares na Ucrânia?”*

E ele respondeu: *“Não se preocupe, não se trata da Ucrânia, mas sim dos fabricantes de Defesa americanos”*. Kennedy também nos diz: *“Todas as terras agrícolas, o maior e único ativo importante da Europa, o celeiro da Europa, serão entregues às multinacionais”*. Acrescento para finalizar: *“O que você acha que eles estão fazendo com esta guerra? Eles têm uma estratégia muito antiga e a mantêm, nós em guerra uns contra os outros.”*

## A VONTADE POPULAR

Globalmente, há uma crescente propensão ocidental para fornecer armas de longo alcance que permitiriam a Kiev atacar alvos nas profundezas do território russo, aumentando os riscos de uma escalada do conflito com Moscou.

No entanto, é preciso dizer que tais armas dificilmente mudariam o destino da Ucrânia. Por exemplo, no caso alemão, Berlim poderia dispor de no máximo 100 mísseis Taurus, capazes de impactar a uma distância de 500 km. Portanto, poderiam potencialmente colocar Moscou sob ataque. Mas seu pequeno número significa que, embora a sua utilização para possíveis ataques em território russo seja extremamente provocativa, não alteraria o equilíbrio geral e, portanto, não alteraria o equilíbrio global.

Como salientaram alguns especialistas militares dos EUA, o que a Ucrânia realmente precisa é de projéteis de artilharia e de sistemas de defesa aérea contra mísseis e drones russos. Mas é precisamente este material que a indústria bélica ocidental não consegue produzir em quantidades suficientes.

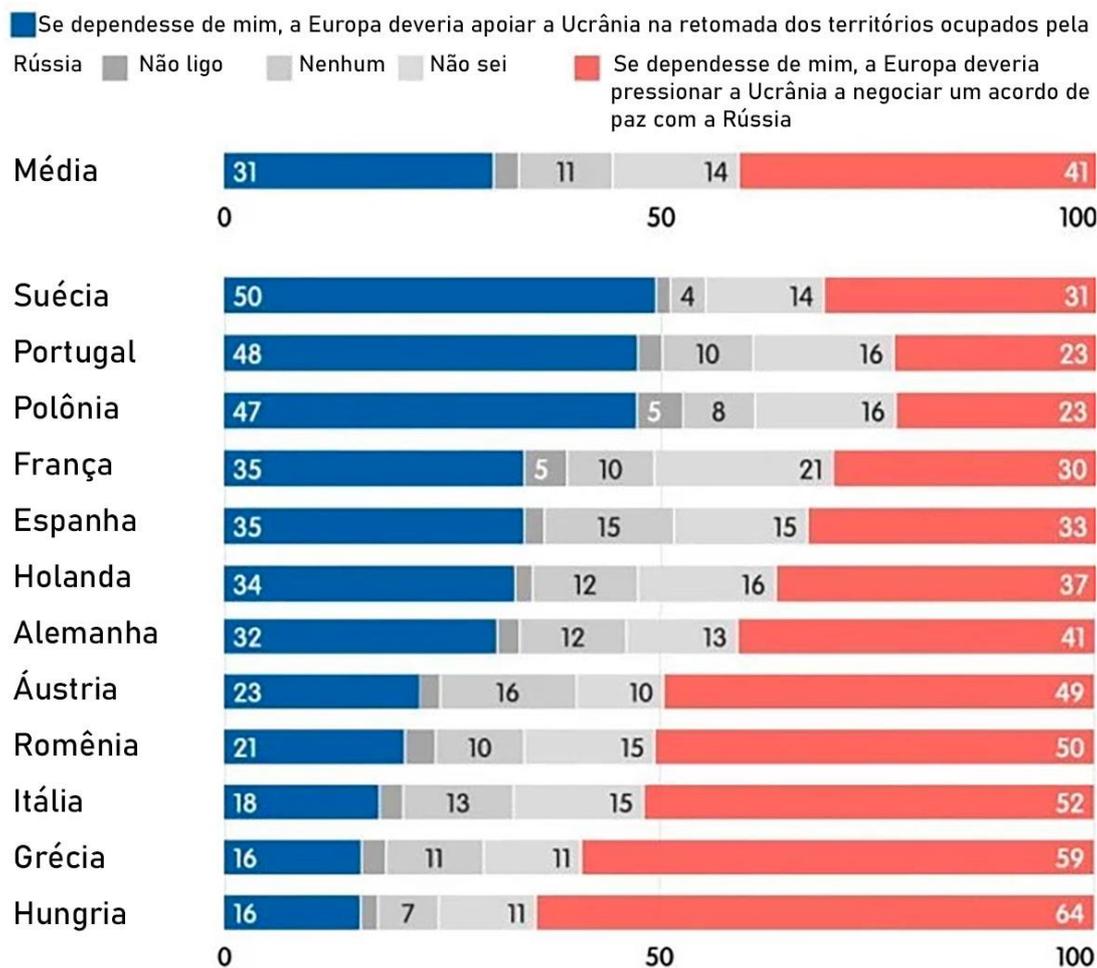
O aventureirismo ocidental aumenta, portanto, o risco de incidentes que possam levar a um confronto direto com a Rússia, sem reverter a sorte de Kiev.

Para salvar a Ucrânia, seria muito mais útil procurar um compromisso e um acordo com Moscou, como também gostaria a maioria da opinião pública europeia. Mas, como sabemos, nas “democracias” ocidentais os governos raramente atuam como intérpretes da vontade das suas respectivas populações. Para exemplificar, convido o leitor a consultar a tabela de pesquisa que acompanha este artigo (Figura 1).

Não há dúvida de que o Papa Francisco conhece esta realidade. O Papa Francisco recentemente causou comoção com as suas palavras claras sobre o apelo à paz no conflito russo-ucraniano. Com suas palavras, ele lembrou a Kiev que é necessário e oportuno pensar em uma solução realista para uma guerra que agora parece estrategicamente congelada.

O Santo Padre não acredita na inevitabilidade de uma “Terceira Guerra Mundial fragmentada”, como ele definiu a soma de crises, cenários complexos e guerras locais e regionais que se multiplicaram desde que ele assumiu o trono papal em 2013. Jorge Mario Bergoglio, o papa que veio do fim do mundo, nunca teve a intenção de ser o pontífice chamado a testemunhar o fim do mundo tal como o conhecemos.

Pode-se dizer que há continuidade com João Paulo II e Bento XVI na frente do fortalecimento da doutrina social da Igreja, na crítica aos excessos da globalização e na defesa de um mundo pacífico baseado no diálogo e no respeito entre as pessoas.



ECFR - ecfr.eu

FIGURA 1

O pontífice pediu a Vladimir Putin que “detenha, mesmo que apenas por amor ao seu povo, esta espiral de violência e morte”; e a Volodymyr Zelensky, a “estar aberto a propostas de paz sérias”; e a todos os “protagonistas da vida internacional e aos líderes políticos das nações”, com referência implícita aos Estados Unidos e à China, “a fazerem tudo o que estiver ao seu alcance para acabar com a guerra em curso.” Palavras claras, que só uma simplificação excessiva poderia levar-nos a ignorar.

Publicado no [La Prensa](#).

*\*Gabriel Camilli é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*